



## A PRESENÇA DE EDUCADORES DO SEXO MASCULINO NA EDUCAÇÃO E CUIDADO DE CRIANÇAS PEQUENAS

Joaquim Ramos<sup>1</sup>  
Maria do Carmo Xavier<sup>2</sup>

A partida do ônibus espacial Discovery hoje, rumo à Estação Espacial Internacional (ISS), traz uma novidade de gênero: pela primeira vez quatro mulheres estarão juntas no espaço.  
(Folha *online*, UOL, 05/04/2010)

Ao anunciar como uma “novidade de gênero” a presença de quatro mulheres no espaço, a notícia em epígrafe encerra uma problemática clássica nos estudos de gênero e nos permite trazer a tona algumas tensões e dilemas que têm marcado a experiência de professores homens no cuidado e educação de crianças pequenas. O tom de novidade com que o jornal trata a presença das mulheres nessa missão espacial parece pretender tornar inusitado algo que, em certa medida, já se tornou corriqueiro: mulheres ocupando espaços que, em tempos passados, eram tidos como prioritariamente masculinos. Afinal, há mais de 4 décadas, o movimento feminista, ao questionar os valores e as hierarquias de uma ordem social androcêntrica, colocou sob suspeita a dominação masculina e estabeleceu as bases políticas para a legitimação da presença de mulheres em espaços públicos, historicamente “proibidos” a elas. Ao longo do século XX, e em tantos outros momentos emblemáticos, as mulheres foram transpondo os limites do espaço privado e assegurando significativas conquistas sociais e políticas, como o acesso à educação formal e ao mercado de trabalho, o direito ao voto, a quebra de tabus sexuais, o direito de ter propriedade etc. Num movimento de luta, marcado por idéias e fatos que se articulam a um conjunto mais amplo de transformações sociais, o feminismo foi re-significando as relações interpessoais e os embates entre os sexos.

Hoje, é possível dizer, com relativa segurança, que as incursões de mulheres, nos mais diferentes espaços sociais, com todas as suas implicações para a representação social do feminino, não é exatamente uma novidade. Todavia, não se pode afirmar que a clássica divisão de papéis sociais entre homens e mulheres já se encontra totalmente superada. Embora as críticas produzidas pelos estudos feministas sobre o “lugar natural da mulher e do homem” tenham alterado as representações sobre o feminino e o masculino, a crença numa dicotomia natural entre os sexos

---

<sup>1</sup> Mestrando em educação da PUC-Minas, bolsista do Programa Internacional de Bolsas da Fundação Ford. E-mail: joaquimramos2@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da PucMinas.



ainda permanece legitimando a presença de homens e mulheres em determinadas ocupações e espaços sociais.

Se as mulheres estão cada vez mais presentes no espaço público – lócus da história e arena privilegiada das questões políticas e econômicas – com todos os desdobramentos, familiares, sociais, culturais e econômicos que isso acarreta, o mesmo não se pode dizer em relação à presença de homens em espaços tradicionalmente marcados como femininos, dentre eles o doméstico/familiar e setores/atividades que lidam com o cuidado e a educação da criança pequena. Embora no âmbito das relações familiares tenha se tornado cada vez mais comum a presença de homens cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos, enquanto as mulheres desempenham atividades profissionais “fora de casa”, na esfera pública, o ingresso de docentes do sexo masculino em atividades diretamente relacionadas ao cuidado da criança pequena, ainda tem se mostrado uma experiência carregada de interdições.

Sem naturalizar as diferenças entre homens e mulheres, mas, atentando para as transformações históricas que demarcam profundas mudanças nas relações entre o feminino e o masculino, pretendemos, nesse texto, problematizar alguns dos dilemas e desafios vividos por professores homens que se incorporaram profissionalmente às instituições de educação infantil – um território marcadamente feminino. Nesse sentido, o conceito de *gênero* será mobilizado como um instrumento de análise que nos permite compreender e explicar as diferenças socialmente construídas entre os “sexos” e indagar os reflexos dessa diferenciação na divisão sexual do trabalho e na produção de hierarquias de poder. Assim, nosso objetivo é explicitar alguns valores e concepções que demarcam o campo da educação infantil no Brasil e interrogar as representações construídas em torno da presença de professores homens em uma atividade essencialmente associada ao feminino: o cuidar e educar crianças pequenas, filhos e filhas de terceiros. Importante esclarecer que não temos a pretensão de discutir aqui a problemática que envolve as relações de gênero, empreendimento impossível para esse espaço, mas, trazer para o debate uma questão que entendemos como absolutamente necessária para se ampliar a compreensão das particularidades da educação infantil: afinal, há lugar para o professor homem na educação infantil?

### *O feminino como uma marca da educação infantil*

Historiadores da educação brasileira têm demonstrado por meio de uma variada gama de estudos que ao longo do século XX, à medida em que o Estado amplia a escolarização primária obrigatória, cresce, concomitantemente e de maneira significativa, a presença de mulheres no



exercício da docência. Por sua vez, os homens que se dedicavam ao magistério primário se deslocam das salas de aulas para os postos superiores na hierarquia burocrática do campo educacional. Um número significativo desses profissionais troca a carreira docente por outras ocupações de maior prestígio social. O fenômeno, conhecido como *feminização do magistério*, estendeu-se gradativamente para a escola secundária e média, mas não chegou às instituições de ensino superior, onde a presença masculina de docentes sempre foi significativa. Segundo o Censo dos profissionais do magistério da Educação Básica, realizado em 2003, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), havia 1.542.878 profissionais atuando na educação nesse período e desse número 1.306.635 eram mulheres e 228.426 eram homens, 7.817 não informaram o sexo para essa pesquisa. No Ensino Superior, em 2008, o INEP informa que das 338.890 funções docentes, 186.720 estão ocupadas por homens e as mulheres ocupam 152.170 funções.

Contrariamente, nas creches e pré-escolas - instituições que acolhem crianças de idade inferior à da escolarização obrigatória - o que se verifica é o predomínio da presença feminina na educação e no cuidado direto das crianças pequenas. A presença de homens nessa etapa da educação básica é uma *novidade de gênero* e se vincula às recentes conquistas no campo das políticas para a infância. Em especial, a partir da promulgação da Constituição de 1988 que consagrou a educação como direito de todos e atribuiu ao Poder Público, responsabilidade por sua oferta em creches e pré-escolas, para crianças de até seis anos de idade (Art.208 inciso IV). Posteriormente, ao regulamentar a as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a lei 9394/1996 inseriu a educação infantil como primeira etapa da Educação Básica, pressionando, assim, alguns sistemas municipais de ensino a instaurar processos seletivos de docentes para atuar na educação infantil, surgindo daí um cargo público até então inexistente.

Dados do censo da educação no Brasil, divulgado pelo Ministério da Educação em 2009, informam que o número de homens atuando diretamente com crianças em creches e pré-escolas gira em torno de seis por cento. Todavia, esse número se reduz para dois por cento quando se trata da docência das crianças de zero a três anos. Expresso em números, significa dizer que, nesse período, havia 336.186 docentes atuando na educação de crianças de zero a seis anos de idade e, desse universo, apenas 11.415 se declaram pertencer ao sexo masculino. Se considerarmos os dados referentes ao primeiro segmento da educação infantil, o censo aponta a existência em todo o país, de 1.968 homens atuando no cuidado e educação das crianças de zero a três anos de idade.



Ainda são poucos os estudos sobre os impactos da presença de homens na educação infantil, no entanto, autores como Carvalho, 1999; Cardoso, 2004; Sayão, 2005; Silva, 2006 apontam que há estranhamentos quanto à presença de docentes do sexo masculino nessa etapa da educação que culturalmente tem estreito laço o feminino e com o materno. Ou como bem destaca Sayão (2005, p. 16):

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de idéias que vêem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. (...) os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos.

### *A inserção de educadores homens na educação infantil da Rede Municipal de Belo*

#### *Horizonte*

Em levantamento realizado junto à Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED) detectamos o ingresso de 10 professores do sexo masculino, a partir de 2004, para atuar nas Unidades Municipais de Educação Infantil (UMEIs). O quadro abaixo apresenta algumas informações sobre esses profissionais:

<b>PROFESSORES DO SEXO MASCULINO ATUANDO NAS UMEIS – BELO HORIZONTE</b>						
<b>REGIONAL</b>	<b>NOME<sup>3</sup></b>	<b>DATA DE ADMISSÃO</b>	<b>FORMAÇÃO</b>	<b>IDADE</b>	<b>FAIXA ETÁRIA ATENDIDA</b>	<b>ESTADO CIVIL</b>
Barreiro	Moisés	julho/2009	Magistério	56	Apoio geral <sup>4</sup>	divorciado
	Natan	julho/2005 março/2010	Pedagogia/Pós-graduação	31	Apoio	casado
Centro-Sul	Antonny	novembro/2009	Pedagogia/Mestrado	43	04 a 10 meses	solteiro
	Gabriel	outubro/2004	Pedagogia	38	04 anos	solteiro
	Igor	junho/2009	Pedagogia	31	04 anos	solteiro
Leste	Jirã	janeiro/2005 dezembro/2008	Letras e Pedagogia	36	Apoio <sup>5</sup>	divorciado
Nordeste	Guilherme	julho/2009	Letras	42	Coordenador pedagógico	casado
Norte	Tallys	junho/2008	História - inconcluso	44	02 anos	casado
	Fábio	junho/2005	Pedagogia – Pós-graduação	39	Apoio	casado
Venda Nova	David	junho/2005	Teologia e Filosofia	31	02 anos	solteiro

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte –Gerência de Organização Escolar (GEOE)

A partir desses dados é possível perceber que em 06 das 09 Regionais Administrativas de Belo Horizonte<sup>6</sup> existem educadores do sexo masculino, aprovados em concurso público e que

<sup>3</sup> Para preservar a identidade dos participantes os nomes são fictícios.

<sup>4</sup> Essa função não existe nessa rede municipal de Belo Horizonte.

<sup>5</sup> Professor que se responsabiliza por mais de uma turma em que já há um/a professor/a referência.



atuam na educação infantil desse município, ainda que esse seja um número infinitamente menor do que as 1.470 mulheres que exercem a mesma função, é possível vislumbrar nesse cenário uma tênue mudança em curso possibilitada principalmente pela abertura de concursos públicos.

Como parte metodológica da pesquisa *Os docentes da educação infantil e as relações de gênero: homens no cuidado e educação de crianças pequenas na Rede Municipal de Belo Horizonte*, dialogamos com esses 10 educadores sobre algumas questões vinculadas ao cotidiano do trabalho e às implicações oriundas das relações que se estabelecem nesse espaço com os diferentes segmentos (crianças, família e com os demais profissionais da instituição). Somente um professor não se prontificou em participar da pesquisa. Ele foi incisivo: “não tenho muito o que dizer para vocês, pois caí, aqui, de paraquedista (sic)”<sup>7</sup>. Esse educador que se autodenomina “deficiente visual” e diz ter apenas 5% de visão é, dentre eles, o único que não concluiu a graduação, está cursando o Veredas<sup>8</sup> e não atua exclusivamente na regência, mas diz estar no apoio-geral. Entre os demais, 08 concluíram a graduação, sendo 06 deles habilitados em Pedagogia e somente um professor interrompeu o curso de História na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOF). Três professores cursam, na UFMG, o LASEB, curso de pós-graduação Lato-Sensu, realizado em parceria com a Prefeitura de Belo Horizonte e um professor concluiu o curso de Mestrado em Educação na Universidade Federal de Minas Gerais. Dentre eles, três possuem mais de um curso superior.

Percebe-se pelos depoimentos que esses docentes ao assumirem os cargos e iniciarem na carreira, há uma predileção “natural”, tanto por parte deles próprios quanto da direção e das demais educadoras para que assumam a função de professor do apoio ou com as crianças maiores. Somente após certo tempo de atuação - passado o período de adaptação - quando não são mais “meros” desconhecidos, é que passam, então, a serem referências para as turmas de crianças menores. Apenas um desses profissionais conseguiu, por opção, iniciar diretamente no berçário, com bebês entre 04 e 10 meses de idade. Observa-se, no entanto, que os bebês nunca ficam exclusivamente sob a responsabilidade de apenas um profissional.

Ingressar na carreira pública onde há, de certa maneira, estabilidade e segurança é uma das principais razões que prepondera nos depoimentos desses sujeitos. Embora tenham, unanimemente, reclamado dos baixos salários pagos aos professores que atuam na educação infantil, eles elencam

---

<sup>6</sup> Em BH existem nove Regionais Administrativas que funcionam como sub-prefeituras.

<sup>7</sup> A expressão é cair de pára-quedas – segundo o ciberdúvidas da Língua Portuguesa, em conformidade com o dicionário da Porto Editora, significa iniciar determinada atividade sem a mínima habilitação ou preparação prévia.

<sup>8</sup> O Curso Normal Superior a Distância - Veredas - tem a duração de três anos e meio, divididos em sete módulos é desenvolvido no Estado de Minas Gerais desde fevereiro de 2002 e só participa o professor que estiver na regência de classe.



outros motivos que contribuíram para o ingresso em uma profissão majoritariamente feminina. Além da justificativa de um dos professores que afirmou ter caído na profissão de paraquedas, nesses depoimentos aparecem ainda, sob o ponto de vista subjetivo, outras e diferentes razões que justificam, para cada um desses docentes, o ingresso na profissão: por influência da mãe (professora), por causa do desemprego, para exercer uma atividade no campo de formação, para continuar na área da pesquisa, por já desempenhar a função em creches, por querer sair da profissão anteriormente exercida, para melhorar as próprias condições de vida e também as condições de vida da família.

Além disso, alguns desses professores reiterando a pouca valorização e reconhecimento do trabalho, afirmam que, há, também, por outro lado, um valor simbólico, um certo “status” por atuar na rede municipal de educação de Belo Horizonte. Ou para usar uma expressão trazida por um dos entrevistados: “trabalhar na rede te dá uma certa... como eu diria... uma certa vitrine”.

Em seus depoimentos, esses docentes elencam razões que dialogam também com as mudanças em curso no âmbito das relações de trabalho. Em especial, trazem para a discussão alguns elementos que corroboram com o entendimento de que, na prática, continuam existindo nítidas distinções entre a presença – e não entre o trabalho - das professoras e dos professores homens que atuam na educação infantil. Assim, com o intuito de aprofundar tais questões, nessa pesquisa pretendemos, a partir dessa relação dialógica com esses professores, entender como se configuram as interações estabelecidas no campo institucional (com a comunidade, crianças, professoras e direção) e como se efetiva o cotidiano do trabalho desenvolvido por eles, na perspectiva das relações de gênero.

#### *Escolhas e desafios: ingressar na carreira e superar barreiras*

Elisabeth Badinter, em seu polêmico livro *Um amor conquistado – o mito do amor materno* afirma estar convencida de que o amor de mãe existe desde a origem dos tempos, mas reconhece que esse amor não está presente em todas as mulheres e diz não acreditar que a espécie humana dependa dele para sobreviver: *qualquer pessoa que não a mãe (o pai, a ama, etc.) pode “maternar” uma criança* (1985, p.17).

Sem necessariamente entrar nas discussões sobre a maternidade que essa autora apresenta, mas trazendo a questão para o campo da educação infantil com o propósito de fazer interface com a afirmativa de que qualquer pessoa pode “maternar”, a entrada desses professores do sexo masculino para atuarem em um campo marcadamente feminino espelha, de certa maneira, o que já ocorre nas



relações familiares onde é comum a presença de homens atuando no cuidado e educação de crianças. Alguns depoimentos desses sujeitos nos fazem refletir sobre a divisão social desses afazeres no âmbito das instituições públicas. Quando esses professores iniciam suas atividades, há um estranhamento por parte dos adultos, destacado pela ausência de conhecimento mútuo. Essas pessoas não entendem porque um homem se insere em um campo eminentemente feminino. Em muitos casos é questionada a própria sexualidade, como nesse relato:

Uma professora da tarde foi dobrar no turno da manhã. Em dado momento nos encontramos e começamos a conversar. Ela disse pra mim: - rapaz, se eu não tivesse conversado com você, eu continuaria achando que você era gay, porque não faz sentido um homem desse tamanho trabalhar com criança pequena. (Natan).

A pressuposição dessa educadora sobre a sexualidade de Natan nos faz refletir sobre as hierarquias sociais vinculadas ao gênero e à tão discutida ascensão na carreira docente quando se trata de professores do sexo masculino. Nesse diálogo fica subentendido que, para essa educadora, atuar na educação infantil - uma das carreiras mais desvalorizadas no campo da educação - não é apropriado para homens e, por isso, em se tratando de uma profissão que abarca tanta a dimensão do educar quanto o de cuidar, quando um homem insere-se nesse campo, passa, então, a ter a própria sexualidade questionada e associada ao homossexualismo.

Os estudos feitos por Marília Pinto de Carvalho (1998) sobre as perspectivas de carreira e razões de escolha ocupacional por homens que optam pela carreira do magistério apontam que, quase sempre, há o desejo por parte desses docentes em deixar a sala de aula para ocuparem cargos administrativos. Essa assertiva é ratificada tanto por Guilherme que, com menos de 01 ano na função de educador, já assumiu o cargo de coordenador, quanto nessa assertiva de Igor quando afirma que:

Futuramente, posso até assumir uma coordenação ou uma direção, mas hoje, o meu desejo é trabalhar com os pequenos em sala, porque (o exercício desta função) ajuda na construção da identidade deles e na minha própria formação (Igor).

Antonny é formado em Magistério e em Pedagogia, com Mestrado em Educação pela UFMG, tem 43 anos, é solteiro e não tem filhos. Atua há três meses na Educação Infantil, o que, para ele, tem estreito laço com o seu lado de pesquisador: o fato de atuar nos dois extremos da educação, com bebês, na UMEI e como coordenador, no Ensino Superior, no curso de Pedagogia, dá-lhe uma dimensão mais ampla sobre a educação e a formação humana.

Relembra um fato constrangedor quando foi assumir o cargo de educador infantil:

Quando eu assumi este cargo, eles me mandaram pra uma UMEI... quando eu cheguei lá e fui falar com a diretora, ela começou a colocar empecilhos: poxa, mas você vai ter muito trabalho aqui, porque você é homem. A comunidade não vai te aceitar, não sei mais o quê, como é que você vai cuidar das crianças. Aí eu percebi que a resistência era mais desta diretora do que da comunidade.



[...] Aí eu disse pra ela, “então eu acho melhor a gente ser honesto, como você não me quer aqui, também vou ser sincero com você, de antemão vou te dizer, há uma reciprocidade, também não gostaria de trabalhar contigo. E tô indo embora”, virei as costas e fui embora (Antonny).

Foi encaminhado para outra UMEI, onde trabalha atualmente. Lá também encontrou resistência, novamente, da vice-diretora. Desta vez, no entanto, disse que tentou persuadi-la de que nada havia de diferente no fato de se ter um homem na docência de crianças pequenas e contou com a solidariedade das outras educadoras:

E quando eu cheguei aqui nesta UMEI a vice-diretora também chegou a questionar isso: “mas um homem trabalhar com a educação infantil?” Aí eu vejo que há falta de informação delas mesmas. Então eu disse: “por que não? Qual o problema? Homem pode fazer qualquer coisa”. E nesta época, eu tive grande apoio das colegas: poxa, vai ser tão bom, trabalhar com uma figura masculina... então, a minha estadia, com as meninas daqui, era desejada, literalmente, por elas, sabe? Elas gostam e acham que dá uma outra visibilidade para a própria UMEI (Antonny).

Todos os professores focalizados nesta pesquisa disseram, indistintamente, que gostam do trabalho que realizam com as crianças pequenas. O estranhamento das crianças com eles, segundo informam, não difere do estranhamento que normalmente ocorre também com as professoras no período de adaptação. Não há, por parte das crianças, nenhum indício de desaprovação por ter professores do sexo masculino; pelo contrário, é relatado por Igor que as crianças têm muito orgulho em tê-lo por professor e muitas outras que não são da sala dele pedem para ser. Entretanto, entrecruzam-se nesses depoimentos a dificuldade encontrada por esses professores para estabelecer uma relação de igualdade com alguns adultos no cotidiano do trabalho.

Ainda que neguem, inicialmente, qualquer forma de discriminação ou de preconceito por parte das famílias das crianças ou das professoras/direção das instituições em que atuam, a presença desses professores não se configura em uma aceitação incondicional. Ela é incessantemente colocada em xeque. Há, de certa forma, um olhar mais vigilante e atento, especialmente, quando eles ainda não são conhecidos e estão iniciando suas atividades nessas instituições. O período de adaptação desses profissionais - assim como ocorre com a adaptação das crianças - é, também, marcado pelo olhar vigilante do outro e pelas indagações, tantas vezes não explícitas, sobre a capacidade (ou não) de dar conta do recado.

Ainda que o patriarcado tenha chegado ao fim nas sociedades ocidentais e os homens tenham assumido, de maneira menos machista, as atribuições relacionadas aos afazeres domésticos, ao cuidado e à educação dos filhos, há um olhar enviesado para aqueles poucos educadores que assumem, profissionalmente, a docência das crianças pequenas. Mesmo que esses sujeitos consigam desempenhar com desenvoltura essa função, quando passam a atuar nessa etapa da educação básica, ficam sujeitos a uma gama de questionamentos e até mesmo de constrangimentos. Ainda assim, “ao





contrário do que reza a tradição cultural e linguística, a “maternagem” não tem sexo” (BADINTER 1993, p. 178).

### *Bibliografias*

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado – O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, 370 p.

\_\_\_\_\_. *Sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, 266 p.

CARDOSO, Frederico Assis. *A identidade de professores homens na docência com crianças: homens fora do lugar?* 2004. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

CARVALHO, Marília Pinto de. *Vozes masculinas numa profissão feminina*. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, v. 6, n.2, 1998.

\_\_\_\_\_, Marília Pinto de. *No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais*. São Paulo: Xamã, 1999.

Ciberdúvidas da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://ciberduvidas.sapo.pt/pergunta.php?id=14181>>. Acesso em: 28 mai. 2010.

Efe. Discovery reúne 4 mulheres no espaço, incluindo mãe no Twitter. *Folha on-line*, São Paulo, 05 abr. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u716391.shtml>>. Acesso em: 05 abr. 2010.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de e outros. A história da feminização do magistério no Brasil: balanço e perspectivas de pesquisa. In: PEIXOTO, Ana Maria Casasanta (Org.). *A escola e seus atores*. Belo Horizonte: Autêntica. 2005, p. 53-87.

LOURO, Guacira L. *Gênero, sexualidade e educação*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Censo da Educação no Brasil. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/index.php>>. Acesso em: 15 jul. 2009.

SAYÃO, Déborah. *Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche*. 2005. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SCOTT, Joan W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, vol. 20, (2), jul/dez. 1995.

SILVA, Weslei Lopes da. *Homens na roda: vivências e interações corporais nas séries iniciais da Educação Básica*. 337 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, Belo Horizonte, 2004.